

Resumo: O autor descreve em quatro capítulos os principais pontos que devem ser levados em conta num diagnóstico sobre as causas da evolução deste ministério no período posconciliar (capítulo primeiro), e a seguir analisa o fundamento do ministério no Novo Testamento, na patrística dos primeiros séculos e no magistério recente (capítulo dois). Num terceiro momento (capítulo três) aparecem as primeiras conclusões nascidas de um paralelismo entre a situação que originou o diaconato em tempos apostólicos e a conjuntura da atual sociedade – global e posmoderna – em que a Igreja deve dar testemunho de Jesus Servo. O paralelismo mostra as simetrias e dessimetrias entre o mundo romano, onde os apóstolos esperaram a segunda vinda de Jesus, e o mundo atual com sua crise de utopias e esperanças históricas. No final (capítulo quatro) aparecem as reflexões sobre os aspectos concretos e mais delicados na hora de pensar as novas orientações e opções pastorais que a Igreja enfrenta.

Abstract: The paper develops in four chapters the main points which should be regarded in a diagnosis on the causes of the evolution of this ministry in the postconciliar period (chapter 1), and then analyses the foundations of the ministry in the New Testament, in the Fathers of the first centuries and in the recent Magisterium (chapter 2). In a third moment (chapter 3), appear the first conclusions born from a parallelism between the situation which originated the Deaconate in apostolic times and the situation of the present – global and post-modern – society, in which the Church has to give testimony to Jesus Servant. The parallelism shows the symmetries and the dissymmetries between the roman world, where the apostles waited for the second coming of Jesus, and the world of today with its own crisis of utopias and historical hopes. In the end (chapter 4), appear the reflections on some concrete and more delicate aspects when it is time of thinking the new pastoral orientations and options which the Church is facing today.

O Diaconato Permanente vigência pastoral e fundamentos teológicos

*Daniel Ramada Piendibene**

* O autor é Mestre em Sociologia e Ciências Políticas, Montevidéu, Uruguay, 1971; Mestre em Teologia, Fribourg, Suíça, 1985; foi professor no ITESC, Florianópolis, e na PUC, Curitiba, 1988-1992; Diretor do ITESC, 1988-1989, atualmente dá conferências e escreve sobre Teologia e Economia, residindo em Montevidéu e Porto Alegre, RS.



Foi-nos solicitada uma colaboração para este número de “Encontros Teológicos”. O tema central é a teologia do diaconato. Trata-se de um aspecto da vida eclesial que, for força das circunstâncias, nunca passou despercebida em nossa caminhada laical e de família. Aqueles que participamos na vida interna da Igreja, mesmo sem jamais ter abandonado a atividade profissional, somos movidos, teologicamente falando, a discernir se, na base dos motivos que fundam o sentido último de nossa colaboração, quem sabe não existe um apelo do Senhor dos tempos para que o apostolado com o qual pretendemos responder à Sua iniciativa, termine assumindo aquela dimensão sacramental que consagra a pessoa de forma irreversível. Por isso, não é apenas com carinho que enviamos as páginas que seguem, mas com certa carga de discernimento espiritual e de experiência afetiva, que visa contribuir para a reflexão sobre esse ministério, ao mesmo tempo prático e litúrgico, na vida da Igreja atual.

1 Perspectiva empírica: o fenômeno e seu contexto

Em relação com outros ensaios, aqui utilizaremos uma metodologia de abordagem algo diferente. Levando em consideração que, neste caso, o mérito que nos ocupa abrange, num mesmo marco, dois aspectos formalmente referidos a níveis diversos – as dimensões teórica e pastoral – e que, na recíproca influência, é a solicitude pastoral a que deve prevalecer sobre os aspetos teóricos, vamos tomar como ponto de partida uma ótica fenomenológica. Tal aproximação inicial encontra-se duplamente contextualizada. De um lado, pretende situar brevemente a reflexão nos parâmetros histórico-social e eclesial que enquadram o desenvolvimento do diaconato desde a restauração pelo Concílio Vaticano II até o presente. Por outro lado, observa-se o fenômeno desde uma perspectiva regional, isto é, de Igreja latinoamericana. Num segundo momento, a reflexão se voltará para os aspectos sistemáticos onde, naturalmente, estará presente o momento bíblico e patrístico.

1.1 Tempo de reformas e esperanças

Faz quase meio século, no ambiente de otimismo social, cultural e até antropológico, que caracterizou a década dos sessenta nos países desenvolvidos – *otimismo deliberado*, dizia Paulo VI^[1] – o Concílio Vaticano II decidiu restaurar o diaconato permanente. Os padres conciliares, não sem

¹ Paulo VI; discurso de encerramento do Concílio Vaticano II, n. 9.



ásperos debates prévios, aprovaram a iniciativa, que se somou ao conjunto de reformas e adequações tendentes a dar maior e melhor presença pastoral à Igreja católica no mundo que lhe era contemporâneo^[2].

Passaram-se mais de quarenta e cinco anos. A vida da Igreja católica teve marchas e contramarchas. O universo social daquela época, visto da perspectiva atual, embora todavia apareça como algo luminoso e, em seu momento, cheio de esperanças, virou um tempo irreversivelmente passado. Os acontecimentos e situações sociais, políticas e eclesiais que levaram à convocação do Concílio, deixou seu lugar a outras e outros, impensáveis ou inimagináveis desde a ótica própria daquela conjuntura. Por outro lado, a maior parte dos protagonistas do Concílio, hoje não estão mais entre nós e, de um modo geral, com eles morreu a utopia que perseguiram durante sua vida terrena. Novas gerações tomaram o lugar dessas testemunhas. O relevo trouxe junto não poucas correções de rumo. Algumas delas, inclusive, que mesmo se até pretendam estar fundadas na *letra* dos documentos conciliares, contradizem de forma manifesta o *espírito* dos padres conciliares^[3]. Muitas das esperanças que deram ânimo e sentido à vida dos homens daquele tempo – especialmente os dirigentes – nunca se concretizaram. Outras tomaram uma direção absolutamente imprevisível por essas épocas. Santo Agostinho diz que a memória é a pulsação do amor. Por isso, fazer um balanço destas décadas não é um simples exercício de lembrança ou uma evocação nostálgica mas uma verdadeira *anamnesis* em ordem a um discernimento daquela Vontade de Deus que se manifesta, também, no tempo.

1.2 Tempos de choque e de dor

No âmbito regional, o Concílio foi recebido pelos Bispos latino-americanos numa situação subjectivamente semelhante à do primeiro

² *Portanto, como estes ofícios, necessários em grande medida à vida da Igreja, na actual disciplina da Igreja latina dificilmente podem ser desempenhados em muitas regiões, daqui para frente poderá ser reestabelecido o Diaconato como grau próprio...* LG 29.

³ Por exemplo, a atitude de respeito e simpatia pelos valores de uma sociedade que havia decidido e consumado a emancipação do pensamento em relação à tutela social e cultural de uma pretensa verdade eclesial, tem cedido passo a um neointegrismo doutrinal, de cunho epistemológico absolutista. Como exemplo daquela atitude eclesial de fundo, que vai muito além de qualquer formalização intelectual, vale a pena ler novamente as afirmações de Paulo VI no discurso de encerramento do Concílio: “O Concílio envia ao mundo contemporâneo, em vez de deprimentes diagnósticos, propostas alentadoras; em vez de preságios funestos, mensagens de esperança. Os valores [do mundo contemporâneo] não apenas foram respeitados, mas honrados; seus incessantes esforços e suas aspirações, purificados e abençoados.” *Ibid.*



mundo. Isto é, otimista e com esperanças de um rápido desenvolvimento. Porém, objectivamente, “a volta a casa” os faz enfrentar quase de imediato desafios sociais e políticos próprios de uma situação extrema. Pobreza, marginalidade, exploração dos fracos, analfabetismo, altas taxas de enfermidade e mortalidade infantil, regimes de governo corruptos e autocráticos, aniquilação das liberdades individuais, insurgência armada e, em suma, um subcontinente que virou refém numa *guerra fria* que os regimes militares, rapidamente, se encarregaram de converter em *guerra suja*.

A Conferência de Medellin marca o momento em que nossas Igrejas locais exteriorizam a tomada de consciência sobre a gravidade e complexidade da situação, arriscando, em audazes linhas de trabalho, algo mais do que uma simples opinião: um compromisso com os mais fracos e a denúncia sobre as possíveis causas de tanta dor. Esse risco, assumido com valentia e espírito profético, custa muitas vidas, inclusive de clérigos. O povo simples se refugia sob o abrigo de sua *Mãe e Mestra*, mediante a formação de grupos e comunidades nos quais é lida a Palavra de Deus, reflete-se sobre as causas dos males que golpeiam nosso subcontinente e buscam-se caminhos de saída, de libertação. Uma libertação que seja algo mais que un alívio subjectivo ou uma esperança para depois da morte. Busca-se uma transformação das estruturas de convivência, de produção material e distribuição coletiva. A reflexão atinge, inclusive, os âmbitos acadêmicos e, particularmente, o teológico. Nesse contexto floresce a figura dos diáconos permanentes e se fortalece no andar do tempo. Eles acompanham e animam as comunidades. Mas não apenas. Também acompanham seus pastores – Bispos e presbíteros – na vida paroquial cotidiana de proclamação litúrgica, na organização paroquial e, logicamente também, na assistência aos mais necessitados.

Quase no final dos anos setenta, o vento muda. A Igreja de Roma toma partido na *guerra fria* e a Igreja latinoamericana sofre as consequências. De certo modo passa a ser duplamente refém. De um lado, da política norteamericana: Reagan, Bush & Company e, por outro, da cumplicidade vaticana para com o ocidente capitalista: Gelli, I.O.R., Marcinkus^[4]. A dura virada de rumo, lei da encarnação mediante, também atinge a vida interna. Aquela atitude antropocêntrica e o diálogo de igual para igual com a cidade secular e o homem plural – *uni* ou *multi dimensional* – cede passo a um velho eclesiocentrismo redivivo: a Igreja

⁴ E companheiros *mártires* ... de “Mamom”.



possui uma verdade absoluta, que os homens necessitam ouvir. Ideologia e relativismo passam a ser inimigos da fé. Acabada a *guerra fria*, o mundo capitalista rapidamente encontra seus novos inimigos mortais: o Islã e o *eixo do mal*. A Igreja tem também um novo – e alheio – desafio: a sociedade posmoderna com seu consumismo, sua dissolução do sentido da história como processo e caminho, e a idolatria do estímulo sensorial pela via do icônico. Bombardeio de imagens, sons, símbolos ambíguos, e uma longa série de etcéteras que incluem a drogadição, a violência urbana e os novos pobres. Numa palavra: globalização.

1.3 Sociedade e diaconia

Neste novo contexto, onde deve ser proclamada a fé e a Palavra se fazer carne, o diaconato permanente, para além dos avatares, continua presente na vida cotidiana de nossas comunidades. É verdade que não têm faltado detratores e até responsáveis eclesiais que sustentam a necessidade de pôr fim a essa forma de presença pastoral. Existem os que a julgam mais como um *experimento* pastoral do que como chamado do alto que se manifesta no meio das *experiências de vida*. Porém, também é verdade que tantos e tantos diáconos permanentes que vivem sua consagração ministerial como resposta a um apelo divino, como vocação específica e meio para *buscar e achar a Vontade de Deus* pela senda do serviço, continuam dando frutos com seu testemunho de santificação. Ninguém pode negar que se trata de genuínos frutos do Espírito. O diaconato permanente, não por ser filho de seu tempo, e *senal dos tempos* que engendraram sua restauração, tem deixado de ser um *senal de Deus*⁵. Por isso, isto é, pelo respeito que merecem as coisas do Espírito, é indispensável aprofundarmos o sentido teológico deste ministério consagrado, distinguindo, de modo preciso, o essencial e permanente, do acessório. Assim, e não sem aquela sabedoria que confere o caminho andado, o período posconciliar também nos ensina que, pelo fenômeno da *aceleração da história*, provavelmente em poucos anos, a discussão presente e até a *civilização(?)* global podem ter virado igualmente obsoletas.

⁵ A distinção entre *senais dos tempos* e *senais de Deus*, é um desenvolvimento da teologia própria do Concílio Vaticano II: é Deus quem interpela sua Igreja através do *espírito de um momento histórico* (Geistzeit), e este se converte em sinal daquele Senhor que a chama desde o tempo para que ela nunca se instale como fator de *statu-quo* nem cesse de peregrinar em atitude de escuta e serviço à sociedade.



1.4 A proposta do Concílio Vaticano II

No momento em que o Concílio Vaticano II determina a restauração do diaconato como estado ministerial permanente, aberto a *homens, inclusive casados*^[6], este primeiro grau do sacramento da Ordem era uma fase curta e transitória na preparação para o sacerdócio ministerial. Os candidatos ao ministério presbiteral eram ordenados diáconos alguns meses antes da ordenação sacerdotal para ficarem, desta forma, habilitados a receber o segundo grau após terem completado a formalidade de passar pelo primeiro. A *carreira sacerdotal*^[7] passava por etapas consecutivas. Mais ainda, os três graus do sacramento da Ordem, estavam precedidos pelas chamadas *Ordens menores*, de escasso ou nenhum fundamento na Escritura ou na tradição mais antiga, pelo menos em termos de participação institucional no sacerdócio concebido como ministério de fonte sacramental. Tratava-se de um modelo hierárquico, de inspiração medieval, semelhante à escala dos títulos na nobreza feudal ou, mais tarde, no sistema monárquico de governo temporal que sucedeu ao feudalismo.

O Concílio, na intenção de voltar às raízes da primitiva tradição eclesial, descrita na Escritura, onde o ministério ordenado não é grau honorífico mas serviço à comunidade e ao evangelho de Jesus^[8], situou a *Ordem Sagrada* num marco teológico específico: a eclesiologia sacramental^[9]. Trata-se de um enfoque que subjaz aos documentos mais diretamente relacionados com a vida ministerial e os perpassa como transversalmente^[10]. Nesse marco é sublinhada a dupla dimensão do ministério: sacramento e serviço ou, focado desde outro ângulo, tempo e escatologia. Conferidos mediante a *Ordem sagrada*, episcopado, presbiterado e diaconato, são signos históricos eficazes de uma realidade ao mesmo tempo visível e metahistórica^[11]. Esse duplo aspecto, isto é, o empírico como fenômeno sociológico e sua leitura desde uma determinada ótica fundada na revelação, determina o contexto pastoral

⁶ LG 29.

⁷ Porque lamentavelmente assim se chamava e, o que é pior, assim se concebia: uma carreira cujos graus e formalidades a assemelhavam, por exemplo, à carreira militar onde, para ser *general*, é imprescindível antes ter sido *coronel*.

⁸ Cf. sobretudo, o fenômeno no livro de Atos 6,1-6.

⁹ LG 11.

¹⁰ Especialmente: CD, GS, LG, OT, PO y SC; e também, por distinção, sublinhada por contraste específico, AA.

¹¹ LG 25-ss.



e doutrinário em que os padres conciliares debateram sobre a forma ou oportunidade de restaurar a instituição do diaconato como estado ministerial permanente.

Com efeito, mesmo se a discussão conciliar se tenha processado desde uma perspectiva teológica que busca recuperar as práticas tradicionais, nunca abandonadas pelas igrejas do Oriente, o debate não escapa ao contexto de fundo em que se mistura a necessidade de alargar a base pastoral mediante novos agentes, com o problema de admitir nela *homens casados*. De fato, os debates na aula conciliar demonstram, com clareza, que, por trás dos argumentos teológicos, o que se questionava não era a presença de diáconos que permaneceriam nesse grau sem ter acesso ao presbiterado, mas a potencial participação de pessoas casadas na vida interna da Igreja, num âmbito sacramental reservado, até esse momento, a pessoas célibes. Se alguma dúvida ficava de que o problema subjacente por trás da restauração do diaconato permanente era o celibato, basta ler o fundamento de oportunidade que apresenta LG. Depois de enumerar, taxativamente, uma longa série de tarefas pastorais, afirma-se que estas: *difícilmente podem ser desempenhadas, em muitas regiões* como consequência da disciplina atualmente vigente na Igreja latina ^[12]. Dito de outra forma, o diagnóstico é que, em muitas regiões, especialmente nas terras de missão ^[13], a disciplina do celibato torna difícil o desempenho das tarefas pastorais.

Eis um primeiro problema a atender que, mesmo que não apresente dificuldades desde o ponto de vista teológico, tem tido, sim, uma influência consistente na pastoral, sobretudo na percepção do povo simples. Existe certa confusão que, pela força dos fatos, está instalada no dia a dia das comunidades: o diácono permanente, quando casado, seria uma espécie de leigo (ou *secular*), que administra alguns sacramentos. Essa percepção deve ser atacada em sua raiz.

1.5 O Catecismo de 1992 e o Sacramento da Ordem

O dia 11 de outubro de 1992, trinta anos depois da inauguração do Concílio mas, acima de tudo (porque para nós os símbolos não são neutros!), na véspera do dia em que se completaram os quinhentos anos da chegada dos conquistadores europeus a estes territórios –que eles

¹² LG 29. (Cf. supra, nota 2)

¹³ Cf. AG 16.



definiram como *Novo Mundo*^[14] – a Igreja romana, em nome da jurisdição universal, promulgava o *Catecismo da Igreja Católica*. Para alguns observadores deste lado do Atlântico, era uma espécie de sepultura de luxo do *espírito* do Vaticano II. Medellín já tinha sido enterrado vivo a partir de Puebla, e agora chegava o *tiro de misericórdia*, entre Santo Domingo e Roma.

Não é aqui o lugar para analisar os eixos de fundo daquele instrumento pastoral. Quiçá, e deixando de lado a teologia do documento^[15], o mais doloroso para muitos fiéis de fê católica da Igreja que peregrina na América Latina, foi a matriz em que foi engendrado, a genética eclesial de seus progenitores^[16] e, especialmente, o ambiente em que nasceu a nova criatura magisterial. Em certo modo, os nostálgicos da cristandade européia privilegiaram novamente suas prioridades, seus modelos analíticos e, sob pretensão de universalidade, exerceram a *plenitude* de seu *poder* sobre o resto dos cristãos. Muitos agentes de pastoral, e teólogos, sentiram-se como contrapostos a uma questão de consciência muito parecida com uma *opção de ferro*: submissão, ou marginalização^[17]. Outras *restaurações*, ou melhor, outros *restauradores*, terminavam por impor sua visão – não isenta de interesses terrenos – na vida interna da Igreja de Cristo: “*Consummatum*” *erat*.

Nesse contexto, a cancelação fáctica da opção pastoral pelas *comunidades de base*, concomitante ao processo de enquadramento disciplinar sob os novos moldes, trouxe junto o temor de muitos de seus animadores e servidores, de que o diaconato permanente também

¹⁴ *Novo* para aqueles que vieram saqueá-lo mediante o esmagamento e extermínio dos povos submetidos – indígenas autóctones e escravos transplantados – *Mundo* que foi “batizado” por seus conquistadores não com o nome de algum santo mas com o de um banqueiro, mercador de ouro, a serviço dos Médici: Américo Vespucci. Joio disfarçado em trigo, *Mamon* buscado para poder, a preço de sangue, de escravidão dos legítimos (ex)possuidores destas terras, construir com seus metais e o sofrimento de seu trabalho escravo a magnífica civilização *das luzes*, do outro lado do Atlântico, inclusive seus templos.

¹⁵ Que tem passagens magníficas, quem sabe poucas, ao menos em relação ao que alguns desejaríamos. E, de certo modo, um pouco isoladas ou inconexas, mas suficientes para contemplá-las e dar graças ao Senhor da messe.

¹⁶ Ou, para falar mediante uma metáfora divertida – mesmo se tragicômica – seria o que no direito penal se conhece como *autor intelectual* (do crime, claro).

¹⁷ É admirável observar como, em muitas passagens, a *ressurreição* da filosofia aristotélico-tomista enquanto categoria de base analítica para proclamar o Evangelho, parece preocupar mais a alguns *Padres Catequizadores* que a recomendação dos *Padres Conciliares* por buscar novos caminhos para proclamar a *Ressurreição* do mesmíssimo Senhor.



fosse descontinuado. Porque temos que sublinhá-lo com toda a ênfase que merecem os frutos do Espírito: na América Latina o diaconato permanente, como instrumento pastoral e vocação ministerial específica, floresceu com vigor evidente ao abrigo das comunidades. Foi nelas que se refugiou, perviveu e se aprofundou a experiência de vida espiritual do povo pobre, simples e, tantas vezes desprezado.

Mas, vejamos: o *Catecismo* não deixa de ser un fato eclesial e não pequeno; um sinal dos tempos, destes tempos^[18] e, como tal, temos o dever de fé de recebê-lo. De fato, assim o fizemos. Desde o ponto de vista da teologia, no que se refere à *restauração*, já consumada, do diaconato permanente, os novos ventos^[19] – em realidade vinhos velhos^[20] em ânforas não muito bem recicladas – não aportam nada novidadeiro demais. O *Catecismo* não desiste da opção pelo diaconato permanente como ferramenta pastoral e ratifica seu caráter de grau hierárquico do sacramento da Ordem^[21]. No capítulo destinado à análise sistemática^[22], teremos ocasião de aprofundar as perspectivas teológicas. Porém não se trata o aspecto central do diaconato referido ao carisma e missão específicos, tal como seria de esperar, precisamente, de um instrumento catequético. O foco está, como (humanamente) não podia ser de outra forma, na autoridade de uns e a obediência devida pelos outros. “Nada novo debaixo do sol”, diz a velha sabedoria popular. Mesmo assim, por trás *do velho e do novo*, o Catecismo respira esse amor à Igreja que se deixa sentir através dos textos e que nem sempre tem sido devidamente sublinhado *do lado de cá*.

¹⁸ Ainda que muitos católicos do terceiro mundo tivéssemos todo o direito de não *sentir-lo* ou *experimentá-lo* como um sinal de Deus, sem por isso deixar de reconhecer sua validade canônica ou deixar de *sentire cum Ecclesia*. Acontece que os caminhos de Deus não são nossos caminhos e a obediência da fé, às vezes, exige fechar os olhos e assumir que é *obediência cega*.

¹⁹ Com todo o respeito, e isto o digo desde uma visão puramente subjectiva, vinculada às preferências pessoais, quase estéticas, por momentos parece que a distância entre os debates teológicos que precederam e acompanharam o Concílio Vaticano II, em comparação aos relacionados com a elaboração do *Catecismo*, guardam a mesma distância que existe entre a obra de arte original e uma sua cópia caricatural, destinada à publicação em algum periódico para público de baixo nível ou, para trazer um exemplo musical, desses tão caros aos *novos restauradores*, a distância entre uma obra de Beethoven, Tchaikovski, Fabini ou Villa Lobos, e alguma música latino-caribenha composta para festas populares.

²⁰ Em alguns casos com o sabor, não de um néctar envelhecido em carvalho, mas, simplesmente, do mosto ordinário convertido em vinagre.

²¹ Como não poderia ser diferente.

²² Cf. *Infra* 3.



2 A dimensão diaconal do mistério de nossa fé

2.1 O serviço e o diaconato na Escritura

A instituição diaconal praticamente nasce com a própria Igreja. Toma a forma de um ministério institucionalizado em vida dos apóstolos, durante os anos em que a comunidade dos discípulos de Jesus permanecia em vigília à espera do retorno imediato do Senhor ressuscitado *em sua Glória*. Para dar-nos conta desse fenômeno, ao mesmo tempo histórico-social e teológico, neste capítulo analisaremos as fontes textuais do Novo Testamento a fim de entender o alcance da idéia de “serviço” e distinguir os elementos que permitem explicar a opção pela *diakonía* como valor transcendente, e sua tradução como ministério ou atividade que reveste um grau institucional. Quase como em excuro, permitimo-nos fazer preceder à análise textual uma breve reflexão sobre a figura do Servo Sofredor, que parece ter iluminado a natureza humana de Jesus quanto ao sentido transcendente de sua missão^[23].

2.1.1 Servos, servidores e serviço em Isaías

Somente uma coisa peço a meu Senhor: Morar na casa de Deus todos os dias de minha vida^[24]

O segundo Isaías foi provavelmente o primeiro que vislumbrou o mistério insondável do serviço divino. Compreendeu que é condição essencial do seguimento a nosso Deus um espírito de servidor que passa por assumir o sofrimento não como um castigo mas como uma graça, uma bênção. Se sou capaz de carregar às minhas costas o pecado de meu povo, a ignorância de meu irmão, o desprezo a meu rosto escarnecido, somente estou conhecendo minha própria finitude e, nela, o abismo insondável da misericórdia amorosa de um Deus que não se cansa de tolerar, perdoar, acolher e abençoar o ser humano. Não para que este vire um oportunista pecador crônico, mas para que entenda que a finitude da humana criatura, assumida como tal, tem como contrapartida a infinitude

²³ Por razões de tempo e espaço disponível na publicação não foi possível incluir aqui um capítulo relativo ao uso dos conceitos de *serviço* e *servo* no Antigo Testamento. Em especial as formas que os LXX usam para traduzir ao grego a raiz hebraica e em particular as outras passagens de Isaías. Também não foi incluído um capítulo sobre o Servo Sofredor e a *diakonía* nos manuscritos de Qumran (especialmente 4Q381 e 4Q540) É mais um aspecto que fica pendente, e passa à coluna do “deve”.

²⁴ SI 27,4



do amor divino de seu Criador. O serviço, o fazer-se servo, é o caminho que leva a entender melhor o Senhor de Israel. Da mesma forma, a fadiga e o cansaço de tantos irmãos, inclusive anônimos, têm sido condição de possibilidade de nossa própria existência.

O profeta Isaías, e sobretudo sua escola, esteve intimamente ligado a Jerusalém e seu Templo. O culto permite *morar na [junto à, ou perto de] casa do Senhor*, mas quando o segundo Templo é quase uma caricatura, uma lembrança da magnificência perdida, um pálido reflexo da glória de Salomão transformada em santuário de segunda categoria, o discípulo de Isaías acolhe a revelação de um Senhor que lhe mostra que viver em Sua presença também consiste no serviço sofredor de carregar o peso das faltas e da dor dos outros. O culto ao Deus único se alarga para integrar o sofrimento próprio e o do povo todo como oferenda.

2.1.2 O diaconato no Novo Testamento

Uma análise textual do Novo Testamento mostra o uso regular do termo *diácono*, fundamentalmente em duas funções gramaticais: como substantivo [διάκονοῦ] e como verbo [διακονέω], que são traduzidas, correntemente, por *servidor* e *servir*. Por sua vez, o substantivo pode designar uma função circunstancial ou uma tarefa mais permanente que, como consequência de seu posterior desenvolvimento institucional, hoje chamamos de ministério.

2.1.2.1 Os Evangelhos

Vejamos primeiramente os textos em que o verbo *servir* é utilizado na forma corrente, deixando para o final uma passagem que determina uma peculiaridade na pregação de Jesus, radicalmente nova em relação às doutrinas religiosas correntes no mundo israelita que lhe é contemporâneo.

a) **Mt 4, 11:** *eis que [uns] anjos aproximaram-se e o serviam [διακόνου].*

Mc 1, 13: *esteve ali no deserto quarenta dias, e era tentado por Satanás, e estava com as feras; e os anjos o serviam [διακόνου].*

Em ambos os versículos, o serviço tem elementos próprios. Os anjos que servem a Jesus depois dos quarenta dias, o confortam. De fato,



muitas versões traduzem o verbo sob essa forma. É uma forma de serviço que se ocupa da situação de fragilidade do outro.

Vejam agora o caso da sogra de Pedro, em Mateus, como em Lucas, que omite a presença dos anjos no episódio das tentações eremíticas mas nos traz a célebre passagem de Marta e Maria. A perspectiva muda levemente, e o verbo é utilizado com referência à vida doméstica.

- b) **Mt 8, 14-15:** *e vindo Jesus à casa de Pedro, viu a sogra dele prostrada e com febre, e estendeu suas mãos, e a febre a deixou, e levantou-se e os servia* [δηκόνει].
- c) **Lc 10, 40:** *Mas Marta se preocupava com muitos afazeres* [διακονία] *e, aproximando-se, diz: Senhor, não te dá cuidado que minha irmã me deixe servir* [διακονεῖν] *sozinha?*

O denominador comum, então, nestas passagens, é a *diakonía* como atenção às tarefas da vida cotidiana e, nela, ao serviço nos afazeres que se centram no outro como eixo da preocupação.

Deixamos para o final o episódio em que Marcos e Mateus nos consignam um dos ensinamentos mais originais de Jesus, sobre tudo se enquadrado no marco das relações intersubjetivas entre os discípulos e seus líderes, profetas ou mestres, tais como eram vividas não apenas em Israel mas no conjunto da civilização mediterrânea e oriental.

- e) **Mc 10, 43-45:** *Não seja assim, porém, entre vocês. Pois todo aquele que queira chegar a ser grande entre vocês, seja para vocês o servo* [διάκονος] *e todo aquele que queira entre vocês estar* [sendo] *primeiro seja de todos* [o] *servo* [δουλος]: *porque tampouco o Filho do Homem veio para ser servido* [διακονηθῆναι], *mas para servir* [διακονησαί] *e para dar sua vida...*
- f) **Mt 20,26-28:** *Não seja assim entre vocês: mas qualquer um que queira entre vocês tornar-se o maior, seja para vocês* [o] *servidor* [διάκονος] *e* [o] *aquele que queira entre vocês chegar a ser primeiro, seja vosso servo* [δουλος], *tal como o Filho do Homem não veio para ser servido* [διακονηθῆναι] *mas para servir* [διακονησαί] *e para dar sua vida...*

Essa originalidade fica muito mais impactante quanto mais se pondera o contexto temporal e cultural em que o Verbo de Deus – não por acidente nem casualidade – quis assumir nossa natureza histórica. A passagem nos ajuda a estabelecer duas coisas: a ruptura com os valores do egocentrismo e do poder, como tentativa ou capacidade de impor o



pensamento e a vontade de uns sobre os outros, e o espírito específico que está na base da tarefa e da figura institucional do *diácono*, como ministro consagrado pelo grau (logicamente inferior!) do sacramento da Ordem.

Se tivermos que definir a Jesus de acordo com a lógica intrínseca de suas opções de relacionamento humano, intersubjetivo, de Mestre a discípulo e com todos aqueles que se aproximaram dele buscando Sua Palavra e Seus dons, Seus milagres e Sua misericórdia, provavelmente o título que escolheríamos, por ser o mais adequado à *auto-percepção* inerente a toda natureza humana, seria o de *mínimo e permanente diácono*, sem detrimento de confessá-lo *sumo e eterno sacerdote* ao modo da epístola aos Hebreus.

2.1.2.2 As epístolas paulinas

Dentro do Novo Testamento, o *Corpus Paulinum* é o conjunto de textos que apresentam mais dificuldades para determinar se o uso dos termos derivados de *diakoneo* e *diakonos* cumpre uma função alusiva à simples tarefa de serviço, ou se está indicando que a figura ministerial, institucionalizada, já era moeda corrente nas comunidades.

Por outro lado, para ter maiores possibilidades de exatidão, não podemos nos auxiliar do livro dos Atos dos Apóstolos, porque sua redação não só é posterior^[25], mas Lucas nos apresenta uma imagem da comunidade primitiva onde as asperezas entre Paulo e os demais apóstolos, discípulos diretos de Jesus, estão suavizadas com o objetivo de apresentar uma imagem de comunhão e concórdia, que não necessariamente traduz a intensidade e profundidade dos debates e discrepâncias entre as partes. É evidente que em ordem à determinação do grau de diferenciação do diaconato como tarefa ministerial institucionalizada, essa perspectiva lucana é mais uma interferência que um auxílio^[26].

²⁵ Não interessa aqui debater se Atos é da década de 70 ou de 80. Para efeitos da evolução institucional do ministério diaconal, não muda nada. Mesmo se optarmos por uma datação mais cedo, temos que admitir sua posterioridade com relação às cartas de Paulo. Mas é precisamente entre os anos 50 e 70 que começa a se processar o fenômeno da diferenciação institucional entre o judaísmo rabínico e o *israelismo* messiânico que conduz ao nascimento da *ekklesia* como entidade independente da sinagoga. (Cf. nosso trabalho *Presente y Futuro en el Judaísmo y el Cristianismo Primitivo hacia fines del Segundo Templo*; Friburgo, Suíça, 1986). Por outro lado, entre o *Paulo da história*, que conhecemos por seus escritos próprios, e o *Paulo da fé lucana*, existem diferenças relevantes.

²⁶ Cf. infra 2.1.2.3.



Inicialmente vejamos as passagens em que Paulo^[27] se serve do termo *diácono* ou “*diaconar*” num contexto em que não está em jogo o ministério.

- a) **2Cor 3, 1-3:** *Começamos a recomendar-nos outra vez a nós mesmos? Ou temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vocês, ou de recomendação de vocês? 2 Vocês são nossas cartas, escritas em nossos corações, conhecidas e lidas por todos; 3 sendo manifesto que são carta de Cristo posta a serviço [διακονηθεισα] desde nós, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração.*
- b) **Rm 13,4:** *assim (o magistrado) é para ti um servidor [δίακονός] de Deus para o bem. Mas, se praticares o mal, teme: porque não em vão leva espada: porque é um servidor [δίακονός] de Deus para fazer justiça e castigar a quem pratica o mal.*

Essas citações não oferecem maiores dificuldades. No primeiro dos casos o verbo “servir” cumpre uma função metafórica: os destinatários são, ou deveriam ser, com o exemplo, como uma carta redigida, que foi elaborada mediante um processo gradativo semelhante à ministração de forças. O segundo caso se refere ao poder dos administradores da justiça civil que os romanos – no contexto dos conturbados anos de instabilidade do governo de Nero – parecem temer. Paulo, que mantém uma atitude prudente com relação ao *imperium*, quer prevenir seus destinatários, convencendo-os de que os governantes “servem”, e providencialmente, aos desígnios de Deus. Ambas as passagens mostram que, no vocabulário de Paulo, o conceito de serviço assume uma função ampla, que vai além do âmbito ministerial institucional.

Vamos agora às outras passagens onde o termo alude à tarefa de servidor do evangelho.

- c) **2Cor 6, 1-4:** *Assim, nós, como colaboradores seus, os exortamos também a que não recebam inutilmente a graça de Deus. 2 Porque diz: No tempo certo te ouvi, e no dia da salvação te socorri. Eis agora o tempo certo; eis agora o dia da sal-*

²⁷ Não vamos entrar nos detalhes sobre se a autoria de todo o *corpus paulinum* pertence diretamente ao Apóstolo, por mão própria, ou pela de algum dos discípulos. Para efeitos da *diakonia*, o ponto não oferece maior relevância, a não ser por um critério de correlação entre datação, regiões e processo de diferenciação institucional. Porém essa análise nos levaria a uma extensão que excede os limites deste artigo.



vação. 3 Não vamos dar a ninguém ocasião de tropeço, para que nosso ministério [διακονία] não seja vituperado; 4 antes bem, recomendamos-nos em tudo como ministros [δίακονοι] de Deus, em muita paciência, em tribulações, em necessidades, em angústias; em açoites, em cárceres, em tumultos, em trabalhos, em desvelos, em jejuns...

- d) **2Cor 11, 21-23:** *Para vergonha minha o digo, para isso fomo demasiado fracos. Mas no que outro tenha a ousadia – falo com loucura – também eu tenho ousadia. 22 São hebreus? Eu também. São israelitas? Eu também. São descendentes de Abraão? Também eu. 23 São ministros [δίακονοι] de Cristo? – falo como se estivesse louco – eu mais; em trabalhos mais abundantes; em açoites sem número; em cárceres mais; em perigos de morte, muitas vezes.*

Essas duas passagens mostram que, em tempos da 2Coríntios, o trabalho de evangelização tanto como o “serviço a Deus” – que Paulo, como discípulo de Gamaliel, vinha desenvolvendo antes mesmo de sua conversão a Cristo – são vividos em termos de *diakonía*. Não é surpreendente, porque as tarefas quotidianas com as quais o povo de Israel mantém viva sua fidelidade a Deus, eram realizadas como serviço, sem que existisse a necessidade de explicar que esse serviço se faz como uma tarefa “religiosa”. Não podemos esquecer que a distinção entre atividade secular e serviço à Palavra, mesmo que seja como simples fidelidade aos preceitos divinos, é estranha aos homens da época.

Agora sim, estamos em condições de analisar as passagens onde o termo *diácono* alude a uma função com especificidades funcionais de tipo institucional.

- e) **Fil 1,1:** *Paulo e Timóteo, servos [δουλοι] de Jesus Cristo, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos [επισκόποις] y diáconos [διακόνους].*

Essa passagem é a que parece estabelecer mais explicitamente a existência de “inspetores” e “servidores” como pessoas que detinham uma função estável na comunidade. Não existem elementos para afirmar que esses *epískopoi* e *diákonoi* sejam ministros consagrados cujas tarefas estejam claramente estabelecidas e delimitadas. Porém essa hipótese também não pode ser descartada sem mais, nem, muito menos ainda, sustentar consistentemente o contrário. O texto mostra às claras que junto com os *santos* que estão em Filipos, existem “inspetores” e “servidores” como figuras específicas. Se Paulo os nomeia taxativamente e em forma diferenciada dos outros, não deve ser por acaso. Seja o que for, Filipenses



teria sido escrita por volta dos anos 60 a 61 na prisão de Éfeso. Levando em consideração escritos coetâneos e ainda posteriores – em especial a *didaché* – não é possível estabelecer o conteúdo das tarefas específicas desses ministros que, a essa altura, parecem coexistir e em muitos casos depender, de outras figuras, também ministeriais, como as dos “profetas” e os “doutores” ou “mestres” (*didaskaloi*).

f) **1Tm 3,8:** (Os) *Diáconos* [Διακόνους] – *sejam – respeitosos também, não de duas palavras, não...*

Aqui já temos bem maiores probabilidades de estar frente a uma função institucional diferenciada. Paulo, ou o discípulo que escreve sob sua autoridade, recomenda determinados parâmetros éticos, sobretudo de comportamento, para aquele que trabalha pelo evangelho: cuide da credibilidade que deriva de uma conducta reta, interior e manifesta.

Deixamos para o fim neste parágrafo uma passagem polêmica, porque envolve problemas que, finalmente, referem-se mais à situação dos exegetas que ao próprio texto.

g) **Rm 16,1:** *Recomendo-vos Febe, nossa irmã, diaconisa* [διάκονον] *da Igreja de Cencreia. 2 Recebei-a no Senhor de uma maneira digna dos santos...*

A existência de diaconisas na Igreja primitiva está fora de discussão. As testemunhas textuais são irrefutáveis. Existem, inclusive, cânones de Concílios ecumênicos nos quais se regulamenta a forma de celebrar o ritual da imposição de mãos às diaconisas^[28]. O problema é saber se neste caso (Rm 16,1), Paulo chama Febe de *servidora* porque ela foi consagrada por meio de uma ordenação ritual, ou se desenvolve uma tarefa que, com o passar dos anos, chegou a ser ministério *ordenado*. Pela data de composição da epístola e pela presença de funções de tipo carismático, exercidas por mulheres, como as profetisas, somos propensos a pensar que Febe desenvolvia um apostolado específico, cujo conteúdo nos escapa. Porém, não é possível afirmar de modo conclusivo que essa mulher tivesse sido formal e institucionalmente ordenada. Ambas as hipóteses, afirmativa e negativa, são igualmente plausíveis como probabilidade, e igualmente temerárias, se pretendermos certeza.

2.1.2.3 A menção dos profetas antigos na 1Pedro

Este é um caso muito concreto, quase marginal, de uso do verbo *diakoneo*. Assim, não se justificaria um desenvolvimento exegético

²⁸ Nicéia, cânon 19 e Calcedônia, cânon 15.



direto em relação ao ministério diaconal. Porém, levando em consideração o contexto profético e de anúncio que o enquadra, vale a pena, pelo menos, consigná-lo. É um bom exemplo da idéia de uma economia da revelação. Vejamos:

1Pe 1,12: *A eles (os que profetizaram a graça futura) foi revelada esta mensagem, não para eles mesmos mas (por) que para nós administravam [διηκόνουν] as coisas que agora são anunciadas a vocês por aqueles que vos predicam o evangelho.*

2.1.2.4 A comunidade primitiva no livro de Atos dos Apóstolos

At 6, 1-5: *Por aqueles dias, tendo-se multiplicado os discípulos, houve queixas dos helenistas contra os hebreus, porque suas viúvas eram desatendidas na assistência [διακονία] quotidiana. 2 Os Doze convocaram a assembléia dos discípulos e disseram: «Não parece bom nós abandonarmos a Palavra de Deus para servir [διακονειν] às mesas. 3 Portanto, irmãos, buscai dentre vós sete homens, de boa fama, cheios do Espírito e de sabedoria, e os encarregaremos desse encargo; 4 enquanto que nós vamos nos dedicar à oração e ao ministério [διακονία] da Palavra.» 5 Pareceu uma boa proposta para toda a assembléia e escolheram a Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, a Filipe, a Prócoro, a Nicanor, a Timão, a Pármenas e a Niolau, prosélito de Antioquia; 6 apresentaram-nos aos apóstolos e eles, tendo feito oração, impuseram-lhes as mãos.*

Por questões de espaço, não nos é possível desenvolver uma análise em profundidade sobre esta passagem, que é a chave da instituição do diaconato. Comprometemo-nos a fazê-lo numa outra oportunidade. Mesmo assim, vamos deixar abertas as questões-chave e as bases, sobre as quais nos parece que deve ser abordado esse texto.

a) Contexto interno e intenção da obra de Lucas no momento de sua elaboração

Por força das circunstâncias que determinaram o desenvolvimento histórico do cristianismo antigo, temo-nos acostumado a ler o livro de Atos como uma espécie de história geral da Igreja primitiva. E é verdade que, finalmente e depois de um longo e complexo processo, chegou a ser a única fonte canônica para se conhecer o período crítico que vai do ano 30 aos anos 60 a 70. Sem querer, projetamos em Lucas uma dupla perspectiva: generalidade e oficialidade. Porém, numerosos indicadores



nos mostram que, mais do que uma biografia dos apóstolos e de Paulo, trata-se de uma alegação de alguém que representa um grupo ou corrente de pensamento que, no momento dos fatos narrados, está muito longe de gozar de legitimidade incontestada por parte das autoridades centrais da comunidade à qual se refere. A intenção apologética de Lucas não muda o valor teológico nem revelado de sua obra, mas pode induzir-nos a uma pista falsa de interpretação. Nesse caso, mau favor faríamos à revelação, que é obra do Espírito, na história. Conhecer o contexto subjectivo, humano, do autor, nos permite outro nível de profundidade exegética. Em resumo, e para falar de forma positiva: Atos dos Apóstolos pode ser interpretado como um escrito nascido num ambiente de grupos ou comunidades que lutavam por serem consideradas dentro, e não fora, da herança e bênção messiânica de Israel. É uma alegação de periferia que mostra que seu personagem principal, Paulo, formava parte do movimento e era aceito por todos como tal, o que, como sabemos, está bem longe de ser uma posição de consenso entre o conjunto dos discípulos de Jesus. Isto muda bastante o marco de sentido das passagens onde aparece, de um modo geral, o serviço às viúvas e à Palavra, e especialmente as figuras de Estêvão e Filipe.

b) As fontes de Lucas sobre os diáconos

Os comentaristas do livro sempre sublinham que existe uma incoerência entre a passagem que citamos e os fatos que seguem logo na narração. De um lado descrevem-se as sete pessoas do grupo helenista – Lucas não esclarece muito sobre o que significa essa corrente – como candidatos escolhidos para que se ocupem da assistência social às viúvas, deixando assim as mãos livres àqueles que se dedicam ao serviço da Palavra. O primeiro mencionado é Estêvão, de quem ainda se faz um elogio por suas qualidades de retidão e carisma. Só que, nas páginas seguintes, encontramos Estêvão dedicado ao serviço da Palavra, serviço fundamentado com prodígios. Outro tanto vai suceder com Filipe. Isso nos leva a certas conclusões. Desde o ponto de vista da composição fica claro que Lucas, nessa ocasião, depende de fontes heterogêneas que trata de harmonizar, sen consegui-lo plenamente. Essa confusão se projeta, precisamente, sobre a função dos *diáconos*: foram-lhes impostas as mãos para uma tarefa de administração de fundos mas, longe de se consagrarem à assistência social das viúvas, a tempo integral, encontramos-os imediatamente proclamando a Palavra como o fazem os apóstolos.

c) O vocabulário

É paradoxal. A Igreja sempre interpretou que esta passagem constituiu o fundamento da instituição do diaconato como ministério, ordenado



por imposição de mãos. E é verdade. Porém as menções ao verbo “servir” estão referidas tanto à função assistencial quanto à pregação apostólica. Os *doze*, para poder consagrar melhor seu tempo à oração e ao serviço [διακονία] da Palavra, devem renunciar a [διακονεῖν] as mesas. Os *homens* (literalmente: *varões*) designados para assumir a tarefa [διακονία] de administrar as mesas, ato seguido, proclamam a Palavra e até devem abandonar Jerusalém como consequência da pregação, mas Lucas nunca os define como *diáconos*.

d) A modo de conclusão provisória

Duas linhas de trabalho. De um lado, o livro de Atos não utiliza o termo “*diácono*” como definição para um ministério institucional. Os sete homens escolhidos serão reconhecidos como diáconos pela tradição posterior. Lucas, em contrapartida, põe o acento na função de “serviço”, mas como funções equipara a Palavra com a mesa das viúvas discriminadas. Por outro lado, os homens escolhidos são formalmente consagrados, por imposição de mãos, para uma tarefa de assistência que hoje percebemos como estritamente *secular*. Acontece, talvez, que a exclusão das tarefas de administração da área específica do religioso e até cultural, seja um fenômeno de diferenciação institucional alheio à mentalidade das pessoas daquela época. No Islã, por exemplo, a assistência social é uma tarefa religiosa indiferenciada do resto das obrigações que nós, ocidentais, definimos como culturais.

3 Reflexões finais

3.1 Um paralelismo surpreendente

Entre 30 e 70 os discípulos esperaram sem sucesso a volta gloriosa do Ressuscitado, e muitos deles, tanto quanto os israelitas, o fim da prepotência da Roma pagã e o juízo às nações. Entre 1965 e 1980 os cristãos esperaram, sobre tudo nestes lares, o fim de um mundo capitalista, egoísta, e representado por ditaduras autocráticas, corruptas, homicidas, e até genocidas. A volta do Mestre *na sua Glória* e com *poder* de julgar as nações, tanto como a irrupção de uma sociedade onde a justiça coletiva prevalecesse sobre o egoísmo individualista – reinado de Deus na horizontalidade da história – foram utopias com um apelo fortemente mobilizador, que não aconteceram. Em ambos os casos, também, no embalo, acabamos esquecendo os mais vulneráveis. Depois, veio um tempo de movimentos carismáticos e de uma volta ao subjectivo pessoal, interior,



quicá como compensação perante o fracasso dos projetos históricos e das utopias celestrializadas. Também uma onda hierarquizadora e centralizadora, como o episcopado monárquico de santo Inácio de Antioquia e a política de aliança Regan-Wojtyla, quando os irmãos de América Central, com seus mártires nunca canonizados, as comunidades de base de toda a América Latina e muitos teólogos e pastores simpáticos à teologia da Libertação, tanto sofreram. Em ambas as conjuncturas, “sobrou” o diaconato, não apenas como instituição jurídica, canônica, mas como caminho de serviço histórico e ao mesmo tempo sacramental: *fôram-se os anéis mas ficaram os dedos*. Quem sabe, não foi por acaso. Estevão recebe o diaconato, atende e desenvolve o serviço às viúvas dos helenistas, mas também proclama a Jesus ressuscitado. Está presente no mundo real e no serviço à Palavra. E quando a perseguição acaba com a vida dele e obriga os diáconos e até os próprios helenistas a fugirem de Jerusalém, é com eles que a Palavra se transforma em onda expansiva, em missão. O diaconato permanente é uma forma ministerial privilegiada que, na conjunctura inédita que constitui a sociedade posmoderna, apresenta ao mundo uma resposta eclesial e eclesiástica com perfil e vocação para ir bem além das fraturas.

3.2 Uma sociedade sem paralelo

No tempo da Igreja primitiva, e até fins do segundo século, prolongando-se nos séculos seguintes, o fracasso dos messianismos históricos levou muitos israelitas, judeus e cristãos, a fugirem do mundo num movimento que vai de Qumran a Pacômio, os eremitas e os Pais do deserto. Optava-se pela incomunicação social e o acampamento no deserto exterior, para conquistar os mundos interiores. Hoje não temos para onde fugir. A sociedade hipercomunicada invade o espaço da intimidade com seu apelo aos estímulos visuais, sonoros e, sobretudo, subliminares. O deserto agora é um abismo interior, a droga, o álcool, o barulho ensurdecedor, a vertigem da velocidade, o estímulo desproporcionado, os relacionamentos corporais fugazes e superficiais que acabam frequentemente no vazio da alma e do coração. Eis uma nova situação inédita. Temos resposta para este significativo grau de complexidade que não seja convidar nossos cristãos da base a não participarem? Uma coisa é não entrar no mundo da droga, dos estimulantes psicotrópicos, da adrenalina sem controle; outra, é pretender ignorar que esse constitui o contexto de trabalho e, às vezes, de estudo de milhares e milhares de irmãos nossos que ganham o pão nosso de cada dia na floresta de cimento



das megalópoles. Precisamos de homens no século, mas que não sejam do mundo (cf Jo 17,15-16). Nesse contexto, a vocação ministerial de pessoas casadas, como os diáconos permanentes, pode permitir uma interlocução entre os dois universos.

3.3 Uma sociedade sem véus

Não seríamos profissionais e fiéis à vocação de pesquisa e ensino teológico se omitíssemos falar de um dos problemas mais delicados que subjazem à reflexão e às decisões hierárquicas sobre o diaconato permanente: Celibato, matrimônio, família e sexualidade.

Partimos de uma constatação, confirmada por muitos anos de engajamento pastoral na dupla condição de homem casado e professor de teologia. No mundo de hoje, o celibato não é valorizado como caminho único e excludente para abraçar o serviço ministerial. Entre os jovens, futuro da sociedade e da Igreja, o celibato eclesialístico entusiasma muito pouco. Nem mesmo o matrimônio, como engajamento para toda a vida, consegue uma adesão unânime. Por outro lado, a sexualidade também está presente nos meios de comunicação de massa e na experiência de adolescentes, jovens, adultos e, até, idosos. Perante isso, temos duas alternativas. Insistir mediante uma política voluntarista, na identificação de ministério e celibato, ou buscar caminhos alternativos. Por isso, o diácono casado deve ser valorizado, porque constitui ao mesmo tempo uma testemunha de fidelidade matrimonial e de serviço ministerial, sacramental. Ele está no mundo real do trabalho e do risco de desemprego, da produção de valor e da escassez de recursos para atender às necessidades da família. Está na vida sexual ativa e tem experiência para falar com autoridade sobre corporalidade e prazer, sobre comunhão integral, física, psíquica e espiritual, sobre doação e fidelidade. Está presente na educação dos filhos e no serviço que significa, muitas vezes, a renúncia aos direitos próprios para privilegiar os do próximo. E ele também está no altar proclamando a Palavra e celebrando os sacramentos. Leva do lar e da sociedade para o altar a vivência das complexidades do mundo, na caminhada do dia a dia. E leva do altar para casa e para o trabalho a força da graça recebida na intimidade da oração, mesmo pública e litúrgica^[29]. Por isso, seu testemunho é consistente.

²⁹ AG 16.



3.4 Vocação ministerial e condição feminina

Outro problema que a Igreja enfrenta na sociedade posmoderna é o da participação da mulher em todas as esferas da sociedade, tanto no âmbito público como no privado. Hoje temos mulheres na política, nos trabalhos outrora identificados com a condição masculina, no exército, na judicatura, nas estradas, motoristas de transportes públicos ou pesados, caminhoneiras, pedreiras, estivadoras, executivas na alta gerência e profissionais nos diretórios das empresas. O papel das mulheres não é mais um apêndice, uma prolongação secundária e recessiva, de um mundo estruturado sobre visões e valores masculinos. A igualdade de gênero no que se refere às tarefas históricas, sem detrimento da identidade biológica, somática, psicológica e espiritual, parece ser um fato irreversível, um sinal dos tempos. Porém, na vida litúrgica, na proclamação da Palavra e na celebração dos sacramentos, elas ficam em segundo plano; não podem ser protagonistas, apenas atrizes coadjuvantes. No diaconato permanente, exige-se a anuência da esposa. É uma forma de elas estarem presentes também como testemunhas, porque os dois são um. A participação da mulher, nesse caso através do marido, no sacramento da Ordem, pode constituir um sinal de Deus, mas subsistem perguntas mais profundas^[30].

4 Elementos para uma conclusão

4.1 Sem confusão nem separação

Os dois polos estudados, isto é, a comunidade apostólica e os últimos decênios, apontam a uma situação análoga: a compatibilização do ministério ordenado com as necessidades cotidianas do povo simples. Estêvão e Filipe aparecem tanto no serviço das mesas como no serviço da Palavra. Em consequência, não existe fundamento para uma

³⁰ Temos direito de supor que nosso Deus, Senhor da história, não as chama a outros níveis na participação eclesial? O que acontece quando uma mulher e esposa experimenta a moção de proclamar a Palavra? Ou a de abençoar uma boda? Temos que supor que não é *motio divina* mas tentação do *inimigo, da natureza humana*? Se foi a carne de Maria que deu consistência física, em natureza humana, ao Verbo Divino, e seu sim, *Ecce ancilla Domini, fiat mihi secundum verbum tuum*, a palavra que permitiu que o Espírito de Deus agisse sobre sua carne, por que as mãos de mulher não podem pegar o pão e pronunciar as palavras que o transformem, mediante transubstanciação, no corpo ressuscitado do Senhor? São perguntas que merecem, pelo menos, uma análise exegética e multidisciplinar e, sobretudo, humildade e disposição para mudar, antes de partir para respostas disciplinares definitivas.



contraposição dicotômica. Os diáconos permanentes, quando casados, seguem o caminho dos *varões* que Lucas apresenta por ocasião da crise helenista. Estão no século, administram bens temporais por vocação à vida matrimonial e dever ético familiar e profissional. Vivem a especificidade do Sacramento do Matrimônio, com sua vida sexual plena^[31], e os compromissos familiares, profissionais, civis e políticos. São clérigos e vivem a especificidade do sacramento da Ordem sagrada, em seu nível de participação, da mesma forma que os presbíteros casados da Igreja Católica de rito maronita e as Igrejas Ortodoxa e Anglicana. *Nihil obstat*.

4.2 Vocação

O diaconato permanente, e às vezes esta realidade parece um ponto esquecido, é uma vocação. Um chamado à vida ministerial, cuja iniciativa é divina. Vem do alto. Se uma pessoa casada experimenta este chamado, é dever pastoral do responsável da comunidade diocesana, seu pastor, discernir junto com o candidato qual a vontade de Deus no caso específico. O problema é quando este chamado, que se experimenta como *motio divina*, é experimentado por uma mulher. Especialmente no âmbito da proclamação da Palavra, e na celebração do sacramento do Matrimônio, mas pode ir bem além. Esta hipótese não deve chamar a atenção. Mais ainda, devemos estar preparados para enfrentar as situações deste tipo que aparecem cada vez com maior frequência. Na proclamação da Palavra existem muitos antecedentes na tradição. O resto é disciplina canônica. Será que se trata de desvio psico-afetivo devido à vaidade humana, ou a “busca de poder”?

4.3 Diaconato Permanente, Presbiterado Maronita ou Anglicano e Vida Laical

Como dizíamos mais acima^[32], a distinção entre sacramentos de iniciação e sacramentos de serviço que estabelece o *Catecismo* do ponto de vista teológico – e infelizmente menos ainda do especificamente catequético – não é totalmente adequada, porque esconde uma confusão

³¹ Sobre esse aspecto não é necessário buscar um fundamento no Novo Testamento porque, na comunidade apostólica, o matrimônio era a situação comum de qualquer israelita fiel à Aliança e à Lei. Essa prática – quase unânime, se deixarmos fora os círculos gnósticos – se mantém até quase o final do segundo século.

³² Cf. supra: 2.3.4.



entre vida matrimonial, identificada com estado leigo, e vida célibe, como especificidade do sacerdócio. É verdade que na disciplina da Igreja Católica de rito latino, permanece como uma exigência canônica. Também é verdade que o celibato eclesiástico foi mantido como um valor e não como um limite ou restrição. Mas do ponto de vista da teologia, inclusive dogmática (ou *a fortiori*) uma coisa é o *essencial* do sacramento e outra a disciplina canônica. Venerável, sim, quando assumida desde o mais íntimo do coração. Mas não por isso o sacramento deixa de ser *substância salvífica*, nem a disciplina deixa de estar situada no plano dos *acidentes*. Outros ritos católicos e outras Igrejas de fonte e sucessão apostólica plena, mantêm a compatibilidade entre os dois sacramentos. A identificação a priori de matrimônio e vida laical de um lado, e celibato e sacerdócio do outro, empobrece os dois.

4.4 Diaconato permanente e vida no mundo

No caso do diaconato permanente, no rito latino, apresenta-se mais uma dificuldade no complexo problema da identidade ministerial. Nos últimos anos, a Hierarquia eclesiástica, e muito especialmente os dicastérios romanos, insistem em proibir os membros do clero de atuarem na política. Porém, o diácono casado, como homem de família e apesar de viver de seu trabalho num meio secular, não deixa de ser um *clérigo*, nem de pertencer, em seu nível, ao clero diocesano. Desse modo, deveria permanecer à margem das *lutas humanas* no plano político. Amputa-se-lhe assim uma das principais dimensões participativas no meio profissional em que, por outra parte, sua consagração lhe exige ser fermento e iluminar, com sua praxe ética, o sentido final dessa consagração desde a Palavra que proclama no plano litúrgico.

Eis um ponto – sociológico e ainda antropológico – que uma reflexão teológica séria deve enfrentar: uma coisa é o fenômeno social dos agentes eclesiais que, desde *o século*, colaboram com a vida pastoral^[33],

³³ Ao dizer desde *o século*, não se pretende significar que aqueles que exercem responsabilidades e até ministérios na área pastoral, interna, da Igreja, se encontram fora do mundo. É uma questão de perfil profissional. Os leigos, solteiros, casados ou viúvos, desenvolvem sua vida cotidiana na gestão das áreas produtivas ou em conexão com elas. Como se diz na linguagem dos economistas: “criam ou acrescentam valor” quando ocupados, ou aspiram a criá-lo quando, desempregados, procuram um posto de trabalho nesse terreno. Isso, quer indiretamente, porque se encontram num estágio de preparação, quer diretamente, quando os afeta o desemprego. Em contrapartida, os ministros – solteiros ou casados – trabalham em ordem à pregação do Evangelho e a celebração ou distribuição dos sacramentos. É obvio que esta tarefa se realiza



e outra bem diferente é a compatibilidade ou incompatibilidade da atividade eclesíastica^[34] com a condição matrimonial e as atividades e lutas nos planos social, político etc.

4.5 *Nachfolge und Charisma*

Com esse título o Prof. Martin Hengel analisava, faz muitos anos, as condições do seguimento a Jesus. Na Igreja primitiva, não foi fácil o trânsito entre os ministérios carismáticos e sua regulamentação institucional. Tentaremos agora traçar um perfil do que parece mais significativo do carisma, nascido numa situação complexa, do diácono permanente.

O diácono permanente é uma pessoa que, chamada no meio do povo de Deus, é consagrada pela recepção de um sacramento – conferido por Deus através da sucessão eclesíastica – em benefício da comunidade: tal sacramento é a Ordem Sagrada. E o sacramento da Ordem está vinculado à dinâmica do chamado divino, da vocação a uma vida que centra o foco da reflexão e, em certo modo, também da ação, no serviço à Palavra revelada que edifica a comunidade no Espírito. Esse serviço torna-se mediato na celebração dos sacramentos, que não só significam ma atualizam a presença eficiente do amor do Deus eterno na finitude do tempo. Significa isso um abandono do gerenciamento dos assuntos seculares para reservar o melhor das energias espirituais à Palavra? Não necessariamente. Dependerá das aptidões naturais e dos carismas com que o Espírito municia a cada um. Ele *sopra onde e como quer* (cf. Jo 3,8). Não podemos esquecer que, se o Diácono Permanente é casado, em razão de seu compromisso sacramental nupcial, é responsável por atender às necessidades de sua família no âmbito secular. Por isso o essencial ou, se se prefere, o específico do ministério ordenado está na orientação e condução de toda atividade humana a seu fim último, que se expressa e se realiza na comunhão sacramental. Comunhão dos homens entre si e de todos e cada um com Deus em Jesus. Isso leva à busca permanente por descobrir, na Palavra que deve proclamar, o sentido último dos acontecimentos e o valor das coisas como meios para *em tudo amar e servir a Deus*. Buscar e descobrir, desde a intimidade pessoal e junto com a

na sociedade e não fora dela. Também é obvio que, em muitos casos, sua atividade *cria valor* – como por exemplo nas editoras que se dedicam a publicar e comercializar livros orientados à formação religiosa ou músicas sacras. Porém, não é a gestão do temporal o que os define ministerialmente falando.

³⁴ Por distinção em relação ao conceito teológico de *eclesial*.



comunidade à qual está destinado como ministro, o chamado e a *Vontade do Senhor* nos acontecimentos cotidianos assim como por baixo e por trás dos mesmos, sabendo que o serviço ao próximo é serviço à pessoa de Jesus, Filho do Deus altíssimo e Palavra do Senhor que se encarnou em nossa natureza humana.

O seguimento a Jesus passa pela assimilação dos sentimentos e pensamentos do discípulo aos gestos, atitudes e valores que Jesus protagonizou, e às palavras que proferiu para explicitar o sentido desses gestos, atitudes e valores, mediante *os* e *as* quais revelou o mistério do Pai. Nesse marco geral, o carisma diaconal, como ministério sacramentalmente ordenado, consiste em tornar convergentes a proclamação da Palavra revelada e o serviço específico à comunidade que está incumbido de acompanhar. Um serviço vivido em atitude de pobreza, e entendido como ordenamento responsável dos assuntos materiais e seculares às exigências da Palavra. Falamos em pobreza, porque os bens materiais – bem além de sua realidade e densidade – em última instância só constitem meios históricos em ordem a conquistar uma finalidade última, metahistórica: a comunhão de todos entre si e com Deus, que é a única riqueza cujo valor não se degrada pelos vaivéns do mercado.

4.6 Especificidade da diaconia

O diaconato na comunidade apostólica nasce como ministério, fruto de umas circunstâncias que, com sua dinâmica própria, mostraram a insuficiência do marco teológico em que estavam sendo inscritas as esperanças históricas. Foi a resposta provisória, associada a uma necessidade superveniente, não calculada, mas real. O provisório virou permanente, se institucionalizou. Porém, a *dinâmica do provisório*, parafraseando a formosa intuição do Irmão Roger, tem duas faces: uma abertura ao mistério da Providência na história: “os caminhos de Deus não são nossos caminhos”, e um aprendizado, também humilde, que trata de reproduzir e dar continuidade no tempo, mediante regras de convivência humana, históricas, e por isso institucionalizadas, a algo que se reconhece como presente de Deus, como carisma que nasce para abençoar o ser humano. Nem se fala que a dimensão da recepção humana de qualquer carisma funda-se em última instância na Palavra de Deus, palavra que se fez natureza humana, que plantou seu barraco entre nós e nos ensinou com seu exemplo que o mais profundo do amor do Pai consiste em pôr no



centro de nosso coração o outro, para se tornar servo, mediante a mais livre das escravidões: a autoadoação.

O diaconato é o modelo ou, melhor ainda, o paradigma das relações humanas e sociais tal como as concebeu e as ensinou Jesus: Que história é essa da *plenitudo potestatis*? Pois o que Jesus pregou, nos pede, ou melhor ainda, nos oferece e dá como presente, é a *plenitudo servitutis*, um modelo de relações humanas e sociais baseadas na alteridade. Fazer do outro, do irmão, do inimigo – a fortiori mais irmão ainda – o centro de minhas preocupações e desvelos! O *sacramento* visível do Deus invisível. Essa é a verdadeira especificidade do diácono: não é somente um serviço do tipo da assistência social. Esse é o começo, essencial, sim, mas insuficiente. Porque o amor de Deus vai muito além. É metamorfosear-se em Jesus servo, escravo, despojado de suas vestes e projectos próprios para converter-se em servo da vontade do Pai, que se manifesta e sacramentaliza em meu próximo, amigo ou inimigo. Não o vejo nem o meço enquanto tal, mas como irmão a quem me devo porque nele está nosso Deus. Nele está a oportunidade de entender que o Senhor nos chama a buscar e encontrar Sua voz, Sua palavra e Sua vontade, na necessidade de nossos irmãos, necessidade que é imagem de nossa própria vulnerabilidade e finitude e, como tal, se transforma em sacramento, e capacidade de dar e receber o amor do Pai, de viver e alimentarse de Sua presença *todos os dias de nossa vida*. Eis a especificidade da teologia diaconal: pôr o irmão no centro das preocupações e, desse modo, pôr Deus como centro de meu coração, porque *ali onde está meu tesouro, ali está meu coração* (cf. Mt 6,21).

Endereço do Autor:

E-mails: daniel.ramada@lablibra.com
daniel.ramada@terra.com.br

NOTA FINAL

Por questões de espaço tivemos que deixar uma parte do artigo para ser publicada num próximo número da revista. Considerando que a segunda parte do capítulo 2 é bastante específica, pareceu mais adequado incluir os capítulos 3 e 4 que tratam das conclusões. Fica pendente, então, a parte do desenvolvimento patrístico e sistemático. Segue o esquema desses pontos:

2.2. Evolução da figura e do ministério na Patrística até fins do século III

2.2.1 Padres Apostólicos



- Didaché
- Clemente de Roma
- Policarpo
- Inácio de Antioquia
- Hermas
- 2.2.2 Os Apologistas
 - Irineu
 - Hypólito
 - Tertuliano
- 2.2.3 A Igreja de Alexandria
 - Clemente
 - Orígenes
- 2.2.4 Excurso: A literatura Pseudoclementina
- 2.3 Teologia do Diaconato no Magistério recente
 - 2.3.1 – Pio XII
 - 2.3.2 – Vaticano II
 - 2.3.3 – A Igreja Latinoamericana de Medellín a Santo Domingo
 - 2.3.4 – O Catecismo da Igreja Católica
 - 2.3.5 – Excurso: O Código de Direito Canônico